

CLUBE DE LEITURA
UFVJM

Mosaico Literário (Feira de Domingo)
Mês Literatura Nacional (19/05/2024)



Queridos leitores e frequentadores do Mercado Velho,

É com grande alegria que contamos com sua presença em mais um evento repleto de poesia, descobertas literárias e enriquecimento cultural, o nosso Mosaico literário. Este mês celebramos um dos nossos maiores patrimônios culturais, o qual é a nossa literatura nacional.

Celebrar este momento em um espaço público tão tradicional em nosso país, preenchendo este espaço com relatos de experiência sobre a nossa linda literatura e com a beleza e a alegria de muita poesia.

Nosso homenageado do mês é o grande escritor e cronista do cotidiano, o autor Lima Barreto, que celebraria 143 anos de vida. Sempre foi um grande crítico social, trazendo contextos sobre a realidade cotidiana do seu tempo e que hoje em dia nos demonstram onde surgiram as grandes discrepâncias sociais oriundas do processo de urbanização do Brasil. Através do seu olhar perspicaz desvelou todo o processo de exclusão no qual a modernidade se fundou em nosso Brasil. E nas páginas amareladas, o Rio de Janeiro do seu tempo se revela: as ruas apinhadas, os bondes, os cortiços, o cais. Lima Barreto, o cronista, o crítico, o poeta singelo, nos convida a enxergar além, a questionar o que se faz.

Assim, em versos e prosa, ele ecoa a resistência, a luta por dignidade, a busca por igualdade. Lima Barreto, o eterno marginal da consciência, nos inspira a persistir, a sonhar com liberdade. Da mesma forma, alguns poetas diamantinenses nos brindam com sua poesia reflexiva celebrando a Literatura Nacional e nosso autor homenageado! Boa Leitura! Bons momentos! Bom evento!

Corpo de Baile

Parísina Éris Ilíade Tameirão Ribeiro

Miguilim de repente começou a contar estórias tiradas da cabeça dele mesmo: uma do Boi que queria ensinar um segredo ao Vaqueiro, outra do Cachorrinho que em casa nenhuma não deixavam que ele morasse, andava de vereda em vereda, pedindo perdão.

Essas estórias pegavam. (ROSA, p. 65)

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...” E o Dito quis rir para

Miguilim. (ROSA, p. 76-77)

Corpo de Baile, Manuelzão e Miguilim, 1956, João Guimarães Rosa

A PÁ (LAVRA)

Beth Guedes

Uma vida inteira na textura da palavra!
Nesta linguagem tão abstrata do ser,
Todo sentimento cabe na entrelinha,
Sonho feito num espaço de letras.

Todo dia acrescento palavra nova,
Descubro tanta metáfora na poesia!
E o ser transcende em cada verso,
Neste ofício de palavrear o humano!

Até o inefável o discurso nomeia,
Na pá lavra a escritura da essência.
Toda a poesia advém da observação
E a sensibilidade já não cabe em si!

A pá lavra nas profundezas do ser!
Na caligrafia de toda uma existência.
O humano não é mais que palavras
E nesta pronúncia escuto o desejo,

E no rumo do verso guia-me a escrita!

Guedes, Beth. A Pá (Lavra)/Beth Guedes-Belo Horizonte-MG: Armazém de Ideias,
1999, 60 p.

LOJA DE SOLUÇOS

Warlisson Santos

Vendo dor,
Dor de amor.
Dor de amor não tem jeito:
Bate forte no peito!
" Eu também já fui brasileiro como vocês ":
Amei mais de uma vez
E creio ter sido amado,
Li Drummond, Amado, Graciliano; Machado
Lis (bela) com seu prisioneiro
Atravessou o meu terreiro
E plantou uma semente:
Nasceu Pessoa, nasceu poeta
" Que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente".
Nesta loja de soluços
A garganta seca,
Não há álcool que dê jeito.
Engasgo-me com as palavras que não disse.
O coração otário diz:
-Bem feito!

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Lola Almeida

Casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos; era uma ideia, uma pura ideia. Aquela sua inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo. Desde menina, ouvia a mamãe dizer: "Aprenda a fazer isso, porque quando você se casar"... ou senão: "Você precisa aprender a pregar botões, porque quando você se casar..."

A todo instante e a toda hora, lá vinha aquele -- "porque, quando você se casar..." -- e a menina foi se convencendo de que toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil; a vida se resumia numa coisa: casar.

De resto, não era só dentro de sua família que ela encontrava aquela preocupação. No colégio, na rua, em casa das famílias conhecidas, só se falava em casar. "Sabe, Dona Maricota, a Lili casou-se, não fez grande negócio, pois parece que o noivo não é lá grande coisa"; ou então: "A Zezé está doida para arranjar casamento, mas é tão feia, meu Deus!..."

A vida, o mundo, a variedade intensa dos sentimentos, das ideias, o nosso próprio direito à felicidade, foram parecendo ninharias para aquele cerebrozinho; e, de tal forma casar-se se lhe representou coisa importante, uma espécie de dever, que não se casar, ficar solteira, "tia", parecia-lhe um crime, uma vergonha.

De natureza muito pobre, sem capacidade para sentir qualquer coisa profunda e intensamente, sem quantidade emocional para a paixão ou para um grande afeto, na sua inteligência a ideia de "casar-se" incrustou-se teimosamente como uma obsessão.

Lima Barreto

O MAL E O BEM

Jhenyfer Lara Vieira

O mal da mente Humana;
É algo que me espanta;
Algo tão sombrio ;
E ao mesmo tempo tão vazio;
O coração é seu oposto;
Pode ser bom;
Pode ser ruim;
Pode ser amoroso;
Até mesmo pode ser rancoroso;
Ao mesmo tempo que raivoso;
Pode ser engenhoso.
As pessoas são tão maldosas;
Mas também tão bondosas;
Acho que as odeio;
Pelo seu anseio;
De fazer mal
A quem lhe quer bem.
Sempre empenhadas ,
A lucrar e faturar,
Ganhar e gerar.
Pouco empenhados em
Educar e incentivar,
Alimentar e conscientizar,
Chega até engraçado ficar,
Acho que nunca vou realmente entender,
O que vai acontecer,
Se o ser humano não deixar de enriquecer

Em cima de quem só quer viver,
Bom bem-vindos ao mundo real,
Onde seu sonho é surreal,
Mundo em o governo sempre mantém um ideal,
De ele ser o maioral.

PELE MELÂNICA

Natalha Evellyn da Silva

Brilho à luz do sol;
Beleza radiante!
Com um passado de escravidão;
E presente de exaustão
Até onde irá existir?
13 de maio já está aí!
Raça e classe com humildade;
E que espera ter sincera igualdade!
Pele melânica na atualidade;
Querendo ter coletividade!
Para poder viver em sociedade;
Com a cruel humanidade!

AUTORIA

Marli Fróes

Na magia das entrelinhas
escondo, apareço
apareço, escondo
Não respondo!
Pergunto!

Atravesso muitas trilhas selvagens
intocadas
Inauguro a terceira margem
Desapareço...
Escrever tem seu preço!
Algumas vezes apreço...

Escrever é travessia
Outro lado de mundos possíveis
Seres de papel
animados
saltam borbulhando
em palavras
vozes que povoam a cabeça
ganham vida
na extensão
da pele

tornado
revolto
erichando
os pelos
do leitor

olhos
na extensão
do livro
habitar universos

Nos versos,
dizer o mundo insurgente
quando o mundo
[sinfonia
ou dissonância]
não cabe
dentro da gente

CIDADE POLICHINELO

Cecília Maia

Monteiro Lobato escreveu várias estórias
Que todos os leitores trazem em suas memórias
Da literatura Nacional é o autor que mais li
Dos seus personagens os que mais me diverti

Emília sempre travessa e tagarela
Uma boneca que se acha esperta
Ela gosta de usar vestidos xadrez da cor vermelha e amarela
Quase sempre curiosa por uma nova aventura ou descoberta

Um milho mágico é o Visconde de Sabugosa
Apresenta criatividade e conhecimento em sua prosa
É também considerado um cientista maluco
que em seu laboratório faz experimentos de tudo

Pedrinho, Emília, Narizinho e Dona Benta.
É tudo uma marmelada de banana
ou bananada de marmelo

Ô coisa maluca!
É a vida no Sítio do Pica-pau Amarelo!

"Triste Fim de Policarpo Quaresma"

Lima Barreto, declamado por Rodrigo

"Policarpo Quaresma era um homem magro, seco, de maneiras pausadas e solenes. Morava numa casa de subúrbio, em São Januário, e ali vivia na contemplação e no culto dos livros e das velhas tradições nacionais. Era um bom funcionário público, pontual, assíduo e zeloso. Seus amigos e companheiros de repartição tinham-no por um sujeito esquisito, mas, ao mesmo tempo, respeitavam-no pelo seu saber e pela sua retidão de caráter.

Quaresma era um sonhador. Nas suas leituras e reflexões solitárias, tinha construído uma visão idealizada do Brasil. Acreditava, com todo o fervor de sua alma ingênua e generosa, que o Brasil era um país abençoado, uma terra de maravilhas e encantos, destinada a um grande futuro. Tudo no Brasil lhe parecia superior: a natureza exuberante, o clima ameno, a riqueza do solo, a bondade inata do povo.

Esse patriotismo cego e desmedido de Quaresma não tinha limites. Acreditava, por exemplo, que a língua nacional devia ser o tupi-guarani e que todos os brasileiros deviam aprender a língua dos antigos habitantes da terra. Tanto assim que ele próprio se dedicara ao estudo do tupi, com uma tenacidade e uma paciência inabaláveis. Sua casa estava cheia de gramáticas, dicionários e textos na língua indígena, e ele se deliciava em ler e escrever naquela língua quase extinta.

Era essa a grande paixão de Policarpo Quaresma: o Brasil. E era essa paixão que o levaria, mais tarde, a empreender uma série de iniciativas e projetos quixotescos, destinados a realizar o seu sonho de um Brasil grandioso e perfeito. Mas, como todos os sonhadores, Quaresma iria encontrar a dura realidade e as limitações da vida prática, e seu destino, como indica o título do romance, seria verdadeiramente triste."

Este trecho mostra a essência do personagem Policarpo Quaresma, seu patriotismo, idealismo e o contraste entre seus sonhos e a realidade que ele enfrenta.

Página do Clube de Leitura UFVJM

<https://lnk.bio/ClubedeLeituraUFVJM>



Mire a Câmera no QrCode e acesse!